

Maria Nádia Alencar Lima  
Vanessa Mayara Souza Pamplona  
Alessandra Epifanio Rodrigues  
(Organizadoras)



# A DINÂMICA DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA UNIVERSIDADE

Maria Nádia Alencar Lima  
Vanessa Mayara Souza Pamplona  
Alessandra Epifanio Rodrigues  
(Organizadoras)



# A DINÂMICA DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA UNIVERSIDADE

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecária**

Janaina Ramos

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliãni Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



## A dinâmica das práticas pedagógicas na universidade

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo  
**Correção:** Giovanna Sandrini de Azevedo  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadoras:** Maria Nádia Alencar Lima  
Vanessa Mayara Souza Pamplona  
Alessandra Epifanio Rodrigues

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D583 A dinâmica das práticas pedagógicas na universidade / Organizadoras Maria Nádia Alencar Lima, Vanessa Mayara Souza Pamplona, Alessandra Epifanio Rodrigues. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-518-1

DOI 10.22533/at.ed.181200511

1. Ensino Superior. 2. Aprendizagem. 3. Metodologia. I. Lima, Maria Nádia Alencar (Organizadora). II. Pamplona, Vanessa Mayara Souza (Organizadora). III. Rodrigues, Alessandra Epifanio (Organizadora) Título.

CDD 378

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa - Paraná - Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## Realização



## Apoio



## **AGRADECIMENTOS**

Os autores agradecem o apoio da Universidade Federal Rural da Amazônia, por meio da Pró-reitoria de Ensino na execução do projeto que resultou este livro, e aos alunos e professores que confiaram no nosso trabalho e se colocaram a disposição para participar do estudo.

## APRESENTAÇÃO

A difusão do ensino receptivo fundamentado essencialmente na transmissão de conhecimentos de cunho meramente tradicional continua fortalecida pela ação de alguns professores que apesar de estarem inseridos na sociedade contemporânea, ainda se deleitam na prática educativa tradicionalista. E as metodologias tradicionais são desestimuladoras e não alcançam suas expectativas nem o discurso que aponta para o circuito do século atual de que ensinar pressupõe compreender a complexidade humana.

Atualmente no cenário educacional a abordagem tradicional que recheia a prática educativa se apresenta sob diferentes formas, até mesmo velada de atividades recreativas que parecem ser democráticas, mas na realidade estão sob a intencionalidade do controle e do objeto traçado para o professor e não para o aluno.

O livro, aqui apresentado, tem como objetivo mostrar a percepção de alunos e professores sobre como estão sendo impulsionadas as práticas pedagógicas no processo de ensino e aprendizagem na universidade, e além de obter subsídios teórico-metodológicos que permitam fazer mudanças na atividade educativa, quando assim for necessária, como uma proposta de uma intervenção com diretrizes pedagógicas e metodológicas que sejam capazes de promover melhorias nas situações relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem, para o desenvolvimento de uma educação ética e comprometida com as questões de nosso tempo.

Nosso desejo é que os leitores deste livro possam refletir sobre o tema abordado, e caso achem necessário, realizem mudanças positivas no ambiente acadêmico.

Os autores

# SUMÁRIO

## **CAPÍTULO 1 ..... 1**

### **PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NAS UNIVERSIDADES**

Maria Nádia Alencar Lima  
Alessandra Epifanio Rodrigues  
Vanessa Mayara Souza Pamplona

**DOI 10.22533/at.ed.1812005111**

## **CAPÍTULO 2 ..... 8**

### **FASES DA PESQUISA**

Maria Nádia Alencar Lima  
Bárbara Rodrigues de Quadros  
Josilene do Nascimento Gomes  
Alessandra Epifanio Rodrigues  
Vanessa Mayara Souza Pamplona

**DOI 10.22533/at.ed.1812005112**

## **CAPÍTULO 3 ..... 17**

### **CAMINHOS PEDAGÓGICOS NA UNIVERSIDADE: A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES**

Wenderson da Silva Rodrigues  
Sara Souza de Jesus de Oliveira  
Maria Nádia Alencar Lima  
Alessandra Epifanio Rodrigues  
Vanessa Mayara Souza Pamplona

**DOI 10.22533/at.ed.1812005113**

## **CAPÍTULO 4 ..... 28**

### **CAMINHOS PEDAGÓGICOS NA UNIVERSIDADE: A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS**

Sebastião Rodrigo do Remédio Souza de Oliveira  
Bruna Nascimento Vicenzott  
Alaire Franco Tavares  
Maria Nádia Alencar Lima  
Alessandra Epifanio Rodrigues  
Vanessa Mayara Souza Pamplona

**DOI 10.22533/at.ed.1812005114**

## **CAPÍTULO 5 ..... 39**

### **RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO ENSINO SUPERIOR**

Alessandra Epifanio Rodrigues  
Maria Nádia Alencar Lima

Vanessa Mayara Souza Pamplona

DOI 10.22533/at.ed.1812005115

<b>APÊNDICES.....</b>	<b>49</b>
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS.....</b>	<b>58</b>
<b>SOBRE OS AUTORES .....</b>	<b>59</b>

# CAPÍTULO 5

## RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO ENSINO SUPERIOR

**Alessandra Epifanio Rodrigues**  
**Maria Nádia Alencar Lima**  
**Vanessa Mayara Souza Pamplona**

### A DINÂMICA DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NA UNIVERSIDADE

A educação superior tem não tão somente suas especificidades inerentes ao nível de ensino teórico e científico como também características próprias que a coloca frente aos mais diferentes desafios impostos pela sociedade da informação e do conhecimento, visto que de acordo com Pimenta e Anastasiou (2014, p. 103), “o ensino na universidade caracteriza-se como um processo de busca e de construção científica e crítica de conhecimentos”, e deve dessa forma, ser desenvolvido na academia em conjunto entre aluno, conteúdo, aprendizagem, ensino, ação e professor reflexão cabendo, neste sentido ao professor enquanto mediador e articulador dos saberes as seguintes tarefas:

[...] o domínio de um conjunto de conhecimentos, métodos e técnicas científicas que devem ser ensinados criticamente [...]; considerar o processo de ensinar e aprender como atividade integrada à investigação; propor a substituição do ensino que se limita a transmissão de conteúdos teóricos por um ensino que constitua um processo de investigação do conhecimento; integrar a atividade de investigação à atividade de ensinar do professor, o que supõe trabalho em equipe; buscar criar e recriar

situações de aprendizagem; valorizar a avaliação diagnóstica e compreensiva da atividade mais do que a avaliação como controle; procurar conhecer o universo cognitivo e cultural dos alunos e, com base nisso, desenvolver processos de ensino e aprendizagem interativos e participativos [...] (PIMENTA; ANASTASIOU, 2014, p. 103-104).

São a priori essas competências que corroboram para a construção da identidade do professor e que dão a dinâmica do processo de ensino e aprendizagem, que se pressupõe significativo no ensino superior, pois para Pimenta e Anastasiou (2014, p. 104), “essas características do ensinar requerem, além de preparação nas áreas dos conhecimentos específicos e pedagógicos, opções éticas, compromissos com os resultados do ensino, sensibilidade e sabedoria dos professores”. Isso significa dizer que não basta dominar um assunto em voga, mas ser capaz de mobilizá-lo de tal forma que supere a complexidade da própria prática da docência.

Todas essas características servem para nortear a relação profissional entre professor e aluno, que deve ser estabelecida a partir do conhecimento e entendimento que o professor terá individualidades e diversidades presentes em sala de aula, assim como respeitando as heterogeneidades das realidades do público discente, observando obviamente as condições em que vão se desencadear as unidades de ensino do currículo da disciplina de modo que o método ou a técnica utilizada possa servir de fio condutor para uma aprendizagem significativa.

Aprender é um processo que se inicia a partir do confronto entre a realidade objetiva e os diferentes significados que cada pessoa constrói acerca dessa realidade, considerando as experiências individuais e as regras sociais existentes (Antunes 2008, p. 32).

O trabalho pedagógico em sala de aula é complexo, pois exige a racionalidade técnica do professor que ao mesmo tempo enfrenta dilemas como a indisciplina, singularidades e instabilidades por parte de muitos alunos e dependendo do curso quase sempre a metodologia aplicada é desenvolvida de forma exaustiva, desconsiderando o caminho possível para o aluno aprender e os conhecimentos prévios que este adquiriu em outras etapas de escolaridade.

Para Freire (2018, p. 31) “ensinar exige respeito aos saberes dos alunos [...] discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos”. O que significa que ao discutir de forma amistosa e promover o debate, o professor desenvolve alunos mais autônomos e concomitantemente abre um leque de oportunidades de aprendizagem que podem ser significativas não só para o aluno como também para o professor enquanto mediador desse processo.

Isso implica afirmar que o aluno sem autonomia não desenvolve a pró-atividade como resposta as relações pedagógicas, e ao minimizar os saberes socialmente construídos por este aluno, o professor muitas vezes ainda que inconsciente dilui o mérito das competências e capacidades que o aprendente possa ter para ampliar e mobilizar junto a sociedade tudo aquilo que aprendeu ao longo da vida estudantil. Freire (2018, p. 58) afirma que “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”. Não servindo a autonomia de moeda de troca para inibir os conflitos típicos do cotidiano educativo.

Vale ressaltar que essas relações pedagógicas se estabelecem através do tripé ensino-professor-aluno e seu objetivo é alcançar a aprendizagem significativa que perpassa por conflitos de natureza diversa, por estarem historicamente ligados a um complexo roteiro sistemático de cumprimento de carga horária extensiva, a indisciplina do aluno, o superego de alguns professores e a grande quantidade de conteúdo em detrimento a qualidade da produção teórica e prática invertendo dessa forma o objetivo do processo de ensino e aprendizagem uma vez que extrapola os limites da compreensão de questões fundamentais do ensinar e do aprender.

Ser professor e ser aluno extrapola a relação do ensinar e aprender os conteúdos de ensino, mas envolve uma absorção de aprendizagens valorativas muito intensas. O importante é que haja consciência deste processo, para que os protagonistas do processo pedagógico não sejam manipulados por ideias que nem sempre gostariam de servir. O professor e o aluno não podem ser engolidos pelo ritual escolar. Precisam ser sujeitos conscientes definidores deste ritual (CUNHA, 1990, p. 112).

Para alguns professores a ausência de embate em sala de aula significa que a turma é centrada, que não há problemas de ordem processual acadêmico uma vez que este percebe a nulidade das arguições críticas do aluno como uma aprovação ao método aplicado por ele para desenvolver os conteúdos teóricos e científicos, essa forma de reagir ao silêncio do aluno encontra pressupostos na pedagogia tradicional que ainda hoje adentra



as salas de aulas em muitos cursos de graduação.

Importante frisar que uma sala de aula apática não é sinônimo de que tudo vai bem, pois esse espaço por natureza é gerador de conflitos, divergências de ideias e de expressão de muitos sentimentos que pavimentam as emoções tanto dos alunos quanto dos professores, não podendo, no entanto, o professor deixá-lo ser compartilhado apenas entre aluno-campo de ar e carteiras, pois há muito mais elementos para a mobilização dos conhecimentos quando a discussão é feita via acessibilidade e pluralidade das vozes que juntas no complexo dos alunos constroem o ser social, histórico, cultural e político capaz de transformar a sociedade em que está inserido.

Certamente que se não for mais fácil, é no mínimo mais confortável a ação de sair de uma sala de aula para entrar em outra seguindo o rito do troca-troca de professores, sem ter passado antes pela régua daquele que se encontra construindo seu caminho crítico que ora analfabeto pelo desconhecimento do novo, ora iluminado pela disponibilidade para aprender sobre este novo, sem que se tenha experimentado a contestação da práxis, sem que se tenha sentido durante a dinâmica que movimenta os saberes o seu cabedal literário questionado, ou mesmo a super alta estima atingida durante o processo de ensino e aprendizagem, pelo aprendente, entretanto é de senso coletivo que o ensino superior tem a obrigatoriedade de se estabelecer numa relação dialógica, onde os sujeitos do processo tomam posse do diálogo a fim de produzir novos diálogos.

Para por em prática o diálogo, o educador não pode colocar-se na posição ingênua de quem se pretende detentor de todo o saber; deve, antes, colocar-se na posição humilde de quem sabe que não sabe tudo, reconhecendo que o analfabeto não é um homem “perdido”, fora da realidade, mas alguém que tem toda a experiência de vida e por isso também é portador de um saber (GADOTTI, 1999, p. 2).

São entendimentos como os citados acima por Gadotti, além da disposição para a cooperação, colaboração, interação e interatividade que podem servir de instrumentos para desencadear numa aprendizagem significativa estabelecida pela reflexão/ação e ação/reflexão capazes de desenvolver no aluno a vontade de superar suas limitações relacionadas aos aspectos sociais, econômicos, interpessoais e da diversidade cultural que podem interferir nos seus resultados de aprendizagem, por isso é importante que o professor como mediador do processo observe os diferentes níveis de experiências e de aprendizagens individuais e de grupo e busque atendê-las de modo que o aluno seja capaz de prosseguir rumo à aquisição de novos conhecimentos, pois:

O processo de aprendizagem traduz a maneira como os seres adquirem novos conhecimentos, desenvolvem competências e mudam o comportamento. Trata-se de um processo complexo que, dificilmente, pode ser explicado apenas por meio de recortes do todo (ALVES, 2007, p. 18).

Assim como não basta enumerar critérios ou seguir receitas pontuais para trilhar um percurso sem destino certo, visto que cada indivíduo é único e por isso tem seu tempo para aprender, assim como pode encontrar identidade com determinados conteúdos e com outros não perceber ou não visualizar relevância para seus futuros projetos profissionais, e nesse sentido a complexidade é real. Porém cabe ao professor acompanhar sem recortes

o passo a passo da evolução do aluno, administrando no acumulado das partes tudo aquilo que desencadeia no todo.

Para Wachowicz (2009, p.29), há também o professor de compreender que “[...] a aprendizagem ocorre quando o pensamento descobre o significado das relações que existem entre os dados da realidade e compreende porque as coisas são como são”. Esta é uma leitura que pode se transformar em estratégia para o processo de ensinagem, desde que o professor não tenha sua prática pedagógica atrelada ao ensino tradicional que acorrenta aluno e professor ao método expositivo que transforma o aluno em mero receptor de conteúdo ao invés de despertá-lo para as novas leituras de mundo, para o aprender participativo dos novos saberes teóricos e científicos.

Essas diferentes compreensões da construção do pensamento crítico estando o professor consciente do seu importante papel na formação do aluno e de que a relação aluno e professor está interligada por realidades distintas sendo também influenciada pelo movimento da sociedade em que ambos estão inseridos, cabe ao professor, de acordo com Pimenta e Anastasiou (2014, p. 165), “substituir a simples transmissão de conteúdos por um processo de investigação do conhecimento”, dando ênfase ao universo cultural e histórico os quais o aluno poderá despertar para a aprendizagem interativa no espaço universitário.

## **OS NOVOS DESAFIOS DO PROCESSO DE ENSINAR E APRENDER**

A ponte que leva o aluno universitário do abstrato ao concreto, ou seja, dos temas abordados em sala de aula pelo professor para tudo aquilo que culmina a compreensão dos conteúdos que envolve a realidade da sua vida enquanto sujeito histórico, é parte de outras interligações de relações e fatos plurais desafiadores do ato de ensinar e de aprender, por estar carregada de sentido numa unidade dialética mobilizada por elementos estreitamente inter-relacionados que compõem a educação sistematizada.

Segundo Libâneo (2013, p. 151), “neste sentido, o conhecimento é, também, histórico, pois, ao investigar as relações internas de fatos e acontecimentos, se busca alcançar o movimento do real, isto é, as transformações que ocorrem na realidade com a intervenção humana”. Sendo, uma via de produção e processamento de procedimentos didático-pedagógicos difundidos com a finalidade de garantir o desenvolvimento das capacidades do aluno que se pressupõe autônomo e protagonista do processo de ensino e aprendizagem frente a superar aos mais variados desafios como:

O professor passa a matéria, o aluno recebe e reproduz mecanicamente o que absorveu. O elemento ativo é o professor que fala e interpreta o conteúdo. O aluno, ainda que responda o interrogatório do professor e faça os exercícios pedidos, tem uma atividade muito limitada e um mínimo de participação na elaboração dos conhecimentos[...] O ensino somente transmissivo [...] O trabalho professor restrito as paredes da sala de aula (LIBÂNEO, 2013, p. 83 - 4).

Dada a docência no ensino superior, alguns cursos de graduação ainda apresentaram resistência em adotar novas metodologias de ensino que implicam em atividades dialógicas e participativas, assim como compreender que há necessidade de

superar velhas práticas de transmissão de conteúdo em que o aluno recebe as informações e as reproduz mecanicamente, sendo tão somente mero receptor passivo de conteúdo. É importante que o professor avance no sentido de desmitificar a predefinição de conteúdos que desencadeiam na aprendizagem por repetição automática.

A crítica que se faz ao longo dos anos ao método tradicional é que além de estar na contramão das tendências atuais em educação apresenta a evidente característica da serviência ou anulação do aluno, fato predominante no binômio ensino e aprendizagem, pois o aprendente deve gravar, organizar e reproduzir os conteúdos de modo unilateral sem participação direta nas ações pedagógicas planejadas pelo professor, sem direito a oportunidade de escolha, quando em tempo real o trabalho do professor deveria ser:

[...] organizado de forma a induzir, motivar e potencializar os mecanismos cognitivos e afetivos dos alunos, na perspectiva de que cada um e todos devem ir construindo seu processo de autonomia e de contínua formação. A construção da aprendizagem é um processo ativo de envolvimento de cada um na atividade de pesquisa, que é inerente ao processo de aprender (PIMENTA; ALMEIDA, 2011, p. 176).

O aluno motivado e com liberdade para trocar experiências, para indagar e interagir entre os demais colegas de classe e com o professor, tem mais disponibilidade para enfrentar os desafios da rotina do ensino superior e certamente terá mais possibilidade de formar sua base estrutural de informação gerando novos conhecimentos para si e para a sociedade em que está inserido, se fazendo indivíduo crítico capaz de transformar a sua existência, o ambiente que convive e de enfrentar os novos desafios que vão surgindo ao longo da sua jornada acadêmica significando e ressignificando a conexão do desenvolvimento da aprendizagem para além do acúmulo de conteúdos, pois:

[...] uma aprendizagem é mais do que uma acumulação de fatos. É uma aprendizagem que provoca uma modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação futura que escolhe ou nas suas atitudes e personalidade. É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimento, mas que penetra profundamente todas as parcelas da sua existência (ROGERS, 2001, p. 01).

No entanto, a esse processo compartilhado de ensinagem ora carregado da cultura acumulada que quando tomado pela perspectiva da mediação professor que visa quebrar paradigmas e vencer os desafios que se colocam entre a ação de ensinar e a reação de aprender pode refletir numa prática predisposta a descobrir novos sentidos para velhos conceitos, pois conforme Pimenta e Anastasiou (2014, p. 180), “reconhecer o valor da tradição ou da cultura acumulada não significa ser tradicionalista, uma vez que há formas tradicionais de defender a tradição”.

A afirmação das autoras produz uma provocação no sentido de o professor não se estreitar diante dos novos desafios, sem perder de vista alguns conceitos que em algum momento serviu para apoiar sua práxis, usá-los como referências para não retroceder ao universo provedor da educação da transmissão em detrimento do desenvolvimento das capacidades cognoscitivas dos alunos, pois a cultura acumulada pode e deve ser revisitada, mas tomada como única via de direcionamento da sistematização dos conteúdos.

Importante frisar que algumas observações em relação à prática pedagógica devem

ser feitas com regularidade pelos professores com a finalidade de encontrar perspectivas de mudança do hábito de fazer sempre o mesmo e esperar resultados diferentes, a ação didática deve ser dinâmica e diversificada percorrendo o método de ensino selecionado por completo, pois:

Os aspectos externos do método não são suficientes para se obter a realização dos objetivos do ensino. Se fosse assim, o ensino meramente expositivo e verbalista seria justificado. Mas, como se trata de assegurar a iniciativa, a assimilação consciente e o desenvolvimento das potencialidades intelectuais do aluno são os aspectos internos do método que vão determinar a escolha e diferenciação dos aspectos externos (LIBÂNEO, 2013, p. 202).

Logo, a escolha e a mobilização do método de ensino são fundamentais para que o aluno possa assimilar o conteúdo e percorrer o caminho didático que o levará a apreensão dos conhecimentos que ainda não sabe ou não domina, de modo a realizar o processo da aprendizagem encontrando sentido e significação para aplicá-lo à vida prática, e isso implica na sensibilidade do professor que deve ser capaz dentro desse binômio de perceber a existência de condições intrínsecas e extrínsecas para nortear a ação integradora do ato pedagógico via diretrizes educacionais democráticas e participativas que demandam perfil professor diferenciado para atender as diferenças sociais, culturais e históricas dos alunos, assim como as diversidades que estão inseridas no contexto geral do cenário universitário e tudo isso perpassa pelo método de ensino.

## **PROFESSOR, MOTIVADOR DO PROCESSO DE ENSINAGEM**

A sala de aula é um ambiente multifacetado, ou seja, a própria expressão da condição de pluralidade ponto de partida de onde o professor motivador pode observar por diferentes ângulos e lados as diferentes faces dos indivíduos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, e delinear, traçar contornos para atuar de modo que o aluno se sinta motivado para atingir os seus objetivos.

De acordo com Balancho e Coelho (1996, p.17), “a motivação pode ser entendida como um processo e, como tal, é aquilo que suscita ou incita uma conduta, que sustenta uma atividade progressiva, que canaliza essa atividade para um dado sentido”. A discussão em pauta fomenta a ideia de que a motivação é algo realmente essencial para despertar o interesse do aluno pelo aprendizado e que não acontece sem a devida mudança de comportamento e entendimento pedagógico do professor que não colabora para quebrar velhos paradigmas ainda presentes na educação atual.

É preciso que a abordagem tradicional que limita as boas práticas e inibi o trabalho motivacional do professor seja superada, pois já não há mais espaço para a docência autoritária e ditatória, segundo Mizukami (1986, p.12) «o tipo de relação social estabelecido nesta concepção é vertical, do professor (autoridade intelectual e moral) para o aluno». Não tendo, no entanto, nenhum canal de dialógico capaz de promover a participação do aluno na produção intelectual a fim de colocá-lo em igualdade de oportunidade expressiva no processo de aprendizagem.

A motivação enquanto impulso pode servir de termômetro responsável para elevar

ou diminuir a satisfação do aluno em participar e desenvolver as atividades que culminam para a sua formação de modo que deem o melhor de si em busca da superação dos seus pontos fracos, considerando que o comportamento que leva o aluno a executar os compromissos e obrigações de modo saudável e congruente, com os objetivos diretamente ligados ao respeito à autonomia e ao direito a construção do pensamento crítico, este deve ser motivado a praticar, e que por sua vez está ligada aos fenômenos emocionais, biológicos e sociais.

Nesta linha de pensamento os autores Moraes e Varela (2007, p.7), afirmam que “motivar os alunos significa encorajar seus recursos interiores, seu senso de competência de autoestima, de autonomia e de realização. ” Ou seja, deve o professor sair da zona de conforto e assumir os riscos do embate que se dá dentro do movimento que articula o binômio ensino e aprendizagem, e buscar contemplar as especificidades que envolvem a motivação do processo de aprender com vias ao alcance da educação de qualidade que se dá não apenas pela introdução do conteúdo curricular, mas da produção de conhecimento de mundo que pode levar a construção do sujeito histórico crítico, social e cultural dentro do protagonismo estudantil a compreender e desmitificar a ideia retrógrada do professor único detentor de todos os saberes. Nesse sentido cabe ao professor:

[...] aceitar o aluno tal como é e compreender os sentimentos que ele possui. Aceitando o aluno e compreendendo-o empaticamente, o professor fará de sua parte, tudo para a criação de um clima favorável de aprendizagem. O professor é compreendido como um facilitador da aprendizagem, devendo, para isso, ser autêntico (aberto às suas experiências) e congruente, ou seja, integrado (MIZUKAMI, 1986, p. 52).

O referencial que compreende o professor como facilitador, deve ser o mesmo que o concebe como motivador desde que a motivação seja segundo Fita (1999, p. 77) “um conjunto de variáveis que ativam a conduta e a orientam em determinado sentido para poder alcançar um objetivo”, nesta concepção pedagógica, Mizukami, (1986, p. 53) destaca que “as qualidades do professor [...] podem ser sintetizadas em autenticidade, compreensão empática – compreensão da conduta do outro a partir do referencial desse outro – e o apreço (aceitação e confiança em relação ao aluno)”. O diálogo entre os autores enfatiza a conduta como eixo orientador da ação professor para ativar a motivação intrínseca e a motivação extrínseca.

É evidenciado uma queixa constante e presente com relação ao desinteresse dos alunos quanto às atividades de sala de aula em todos os níveis e modalidade de ensino, e na universidade isto se agrava, pois o aluno precisa não apenas aprender novos conteúdos, mas a mobilizar tudo aquilo que aprendeu para gerar novas produções de saberes, por meio de estudos teóricos e científicos o que muitas vezes lhes pesa a mão, visto a extensa carga horária de algumas disciplinas ainda ministradas sob as bases tradicionais conteudista, que influenciam diretamente na construção do caminho crítico do acadêmico tanto para criar situações de aprendizagem significativa quanto para o abandono dos estudos.

Para Libâneo (2013, p. 87), “a condução do processo de ensino, requer uma compreensão clara e segura do processo de aprendizagem: em que consiste, como as pessoas aprendem, quais as condições externas e internas que o influenciam.” Compreender, no entanto, essa dinâmica da estrutura dos esquemas e das representações mentais que o

aluno realiza de modo casual ou organizada geradora de significados capazes de fomentar a interação entre interesse, desenvolvimento, produção das múltiplas manifestações dos novos saberes a serem difundidos é fundamental para o sucesso da rigorosidade metódica exigida no processo de ensinagem que também se faz pela disponibilidade do diálogo.

É importante ressaltar que a rigorosidade metódica que se faz referência nesse estudo não está relacionada aos excessos da prática pedagógica tradicional, que impõe ao aluno ser um mero receptor de conteúdo, pois Freire (2018, p. 28) enfatiza que apesar de ensinar exija rigor, “[...] esta rigorosidade metódica não tem nada a ver com o discurso “bancário” meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo. ” Tem a ver como elemento didático inserido na prática professor que vai acionar a ação motivadora capaz de ensinar o aluno a pensar certo, levar o aluno a instigar, criar e se envolver nos estudos de modo efetivo e produtivo.

O professor que compreende e reconhece o seu inacabamento e o do outro, no processo do desenvolvimento educativo entende também que a educação é uma forma de intervenção no mundo e que a aprendizagem se dá por muitas vias e entre elas a disponibilidade para escutar o aluno, permitindo que este intervenha em sala de aula rompendo barreiras alicerçadas em procedimentos até então, autoritários que em nada agrega os múltiplos saberes nem motiva o estudante a ser o autor da sua própria história acadêmica e profissional.

Conforme Freire (2018, p. 133), “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros, inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história”. Nessa ótica é preciso que o professor deixe as janelas abertas, as luzes acesas e os interruptores ligados, pois o fio condutor que mobiliza e faz funcionar a entrada e a saída dos conhecimentos plurais tem ligação direta com o que acontece nas relações interpessoais, com a motivação, respeito, reconhecimento com a identidade cultural, generosidade e sobretudo com a convicção de que quebrar obsoletos paradigmas é possível e que exercitar a empatia no complexo binômio ensino e aprendizagem é uma exigência para a formação ética do aluno.

No que se conclui, que está em curso e se espera que o ensino superior em alguns campos de atuação ou nos nichos específicos, onde se instala a ausência da formação de profissionais em Ciências Humanas, possa ser repensado quanto ao seu papel social para a contribuição teórica, investigativa e difusora que deve se dar fundamentada no ensino, pesquisa e extensão, mobilizados por sujeitos motivados e motivadores das relações, das ações e reflexões participativas, porque é justamente com base nessa transversalidade da tríade tanto da educação sistematizada quanto dos elementos integradores do ato de ensinar e aprender, que a universidade dissemina conhecimentos teóricos e científicos e forma pessoas para trabalhar com pessoas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base nos resultados, o grupo de pesquisadores responsáveis pelo estudo concluiu que há necessidade de produzir materiais alternativos, desenvolvidos a partir das análises coletadas para serem discutidos por dois momentos distintos e complementares, sendo a primeira parte a produção do livro composto de leituras reflexivas envolvendo o

campo teórico pedagógico com a finalidade de embasar o público alvo para a ressignificação das práticas pedagógicas, para além das técnicas receitadas para a sala de aula, bem como os encaminhamentos futuros que serão direcionados pela segunda parte do estudo por meio de oficinas pedagógicas, com a implementação de temas indicados pelos professores que participaram da pesquisa.

O longo processo que finaliza a primeira etapa desse estudo, que culminou na produção de um livro com o conteúdo que poderá oportunizar aos leitores a realização de novas reflexões sobre os encaminhamentos dos seus trabalhos pedagógicos e suas ações adotadas em sala de aula, se ressalta que os norteamentos das informações que compuseram os capítulos, são os dados que foram coletados por meio da pesquisa *in loco* com os docentes e discentes, além da utilização das literaturas concernentes ao campo de atuação pedagógica que tem como fio condutor o trabalho dos professores na sala de aula, com ênfase na prática educativa e sua relação interativa entre aluno/professor, disciplina/conteúdo, contexto da aprendizagem/estratégias metodológicas, diálogo/caminho, estes que são elementos que constituem a didática, que é a parte maior da pedagogia que por sua vez tem como objeto de estudo a educação e sendo assim investiga o ensino e teoriza sobre a natureza da educação escolarizada e tudo aquilo que se refere as suas finalidades e nuances.

Cabe, portanto, a Universidade promover a discussão em torno das mudanças demandadas tanto pela comunidade acadêmica no sentido de atualização da práxis do professor, a fim de promover as boas práticas e reconhecer a necessidade da compreensão da consciência da complexidade humana, meio as suas diferenças sociais, culturais e históricas, diferenças essas que integram e mobilizam o cotidiano dos alunos e determinam o futuro de cada um deles tanto na vida pessoal quanto para a vida profissional, da mesma forma que também cabe a universidade refletir sobre sua estrutura organizacional de funcionamento, tratando do ensino teórico e científico com base metodológica capaz de avultar o mundo imediato, metamorfoseando rumo ao mundo das possibilidades múltiplas, pois somente por meio dessa viagem formatada primeiramente no campo teórico pelo professor enquanto guia para facilitar transição do aluno pelos conteúdos, levando-os a aplicarem o conhecimento na prática motivados a alçarem voos mais altos, é que será possível o percurso ser viabilizado conforme Vasconcellos (2003, p. 38): “[...] através do relacionamento humano baseado no trabalho com o conhecimento e na organização da coletividade, cuja finalidade é colaborar na formação do educando na sua totalidade – consciência, caráter, cidadania [...]”.

Os autores do livro apresentaram ao longo dos capítulos pontos focais com fundamentos da educação e no resultado da pesquisa, e nesse contexto que os autores estão convencidos de que este estudo pode viabilizar um canal importante de reflexão, capaz de abrir uma janela com vistas a superação das práticas essencialmente tradicionais, ainda presentes na universidade em detrimento ao circuito da aprendizagem significativa e democrática, dada pela prática dialógica contemporânea que faz com que o espaço de sala de aula no ensino superior se torne um lugar mais prazeroso, significativo e acolhedor das diversidades humanas e do respeito à pluralidade das ideias, dos alunos nutrindo a liberdade de expressão cultivando a ética e estimulando a reflexão e a autocrítica, ajudando o aluno a discernir e compreender o conhecimento compartilhado em sala de aula para o

mundo prático.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Doralice Veiga. **Psicopedagogia: Avaliação e Diagnóstico**. 1 Ed. Vila ES, ESAB – Escola Superior Aberta do Brasil, 2007.

ANTUNES, Celso. **Professores e professores: reflexões sobre a aula e prática pedagógica diversa**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BALANCHO, M. J. S.; COELHO, F. M. **Motivar os alunos, criatividade na relação pedagógica: conceitos e práticas**. 2. ed. Porto, Portugal: Texto, 1996.

CUNHA, Maria Izabel. **Indisciplina em sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 1990.

FITA, E. C. **O professor e a motivação dos alunos**. In: TAPIA, J. A.; FITA, E. C. A motivação em sala de aula: o que é, como se faz. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 56 ed – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MORAES, Carolina Roberta; VARELA, Simone. **Motivação do Aluno Durante o Processo de Ensino-Aprendizagem**. Londrina: Revista Eletrônica de Educação. Ano I, No. 01, agosto. / dez. 2007.

MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986

PIMENTA, Selma Garrido; ALMEIDA, Maria Isabel (Orgs). **Pedagogia Universitária: caminhos para a formação de professores**. São Paulo: Cortez, 2011.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no Ensino Superior**. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2014.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. 5. Ed São Paulo: Martins, 2001.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Para onde vai o professor?** Resgate do professor como sujeito de transformação. São Paulo: Libertad, 2003, 10ª edição.

WACHOWICZ. L. **Pedagogia Mediadora**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009



## APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA  
CAMPUS PARAGOMINAS  
GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ESTATÍSTICA  
APLICADA

“A humildade exprime uma das raras certezas de que estou certo: a de que ninguém é superior a ninguém” (Paulo Freire).

### QUESTIONÁRIO PEDAGÓGICO PARA PROFESSORES

**Objetivo:** Realizar uma pesquisa com todos os docentes para articular as dimensões quantitativa e qualitativa, de modo que os resultados da coleta de dados sirvam de roteiros de estudos e possam culminar em oficinas pedagógicas que possibilitem a reflexão teórica integrada à prática de sala de aula, bem como fazer um diagnóstico que seja capaz de orientar para a construção de um Plano de Ação dinâmico, que leve a subsidiar o corpo docente da UFRA na elaboração e implementação das diversas atividades relativas ao processo de ensino e aprendizagem.

1. Faixa Etária: ( ) 26 - 30 anos ( ) 31 - 40 anos ( ) 41 - 50 anos ( ) Mais de 50 anos
2. Considerando toda a sua experiência profissional, há quantos anos você ministra aulas para alunos de nível superior? \_\_\_\_\_
3. Em qual(is) curso(s) e semestre(s) você ministra aula:  
( ) Agronomia S: \_\_ ( ) Zootecnia S: \_\_ ( ) Eng. Florestal S: \_\_ ( ) Administração S: \_\_
4. Atualmente, qual a sua carga horária semestral? \_\_\_\_\_

**Assinale em cada item como você julga que este é descritivo do seu modo de ensinar. Procure verificar se cada item descreve seu comportamento e não como você gostaria de ser.**

1. Discuto outros pontos de vista diferentes do meu e destaco as implicações contrastantes das várias teorias:  
( ) Nunca ( ) Às vezes ( ) Sempre


2. Discuto desenvolvimentos mais recentes dos conteúdos e cito referências a respeito dos pontos mais interessantes:

Nunca  Às vezes  Sempre


3. Ênfase a compreensão dos conceitos:  Não  Sim


4. Presto auxílio pessoal aos alunos com dificuldade no curso:

Nunca  Às vezes  Sempre


5. Apresento aulas que são fáceis de acompanhar:

Não  Sim


6. Sou entusiasmado pelo assunto que ensino:

Nunca  Às vezes  Sempre


7. Identifico o que julgo ser importante e sumário os pontos principais:

Não  Sim


8. Presto auxílio pessoal aos alunos com dificuldade no curso:

Nunca  Às vezes  Sempre


9. Apresento aulas que são fáceis de acompanhar:

Não  Sim


10. Sou entusiasmado pelo assunto que ensino:

Nunca  Às vezes  Sempre


11. Identifico o que julgo ser importante e sumário os pontos principais:

Não  Sim


12. Em relação a metodologia de ensino que utilizo, eu considero:

Pouco Satisfatória  Satisfatória  Muito Satisfatória


13. Os métodos e abordagens adotados para ensinar são diversificados e eficazes:  Não

Sim


14. Além de definir os meus objetivos, eu defino também os objetivos a serem alcançados pelos alunos em cada aula:

Nunca  Às vezes  Sempre


15. Explico os conteúdos o mais claramente possível:

Nunca  Às vezes  Sempre


16. Tenho um estilo interessante de apresentar as aulas:

Não  Sim


17. Tenho interesse e preocupação pela qualidade do meu ensino:  Não  Sim


18. Motivo os alunos a produzirem conhecimentos, bem como dou atividades práticas e tarefas que sejam interessantes e estimulantes:  Nunca  Às vezes  Sempre


19. Faço as avaliações de modo que representam sínteses de parte do curso:

Nunca  Às vezes  Sempre


20. Dou avaliações e trabalhos que permitam aos alunos demonstrarem seus conhecimentos e habilidades:

Nunca  Às vezes  Sempre


21. No que diz respeito às relações interpessoais, estabeleço de modo:

Ruim  Regular  Bom


22. Relaciono-me com os alunos como seres humanos que são, e encorajo a discussão de modo respeitoso entre eles:

Nunca  Às vezes  Sempre


23. Incentivo os alunos a compartilharem suas experiências e conhecimentos: ( ) Nunca ( ) Às vezes ( ) Sempre


24. Encorajo os alunos a criticarem meus pontos de vista e a proporem novas discussões: ( ) Nunca ( ) Às vezes ( ) Sempre


25. Sei quando os alunos estão me compreendendo ou quando estão confusos ou entediados: ( ) Nunca ( ) Às vezes ( ) Sempre


26. Mostro-me acessível aos alunos fora da sala de aula: ( ) Nunca ( ) Às vezes ( ) Sempre


27. Como avalio minha a pontualidade como docente: ( ) Ruim ( ) Regular ( ) Bom


28. Ao abordar o aluno, procuro variar o tom e a velocidade de voz: ( ) Nunca ( ) Às vezes ( ) Sempre


29. Mostro interesse pelos alunos como pessoas. (Tento criar uma relação de empatia): ( ) Nunca ( ) Às vezes ( ) Sempre


30. Estabeleço um bom clima na sala de aula e ajudo os meus alunos a terem comportamentos adequados: ( ) Nunca ( ) Às vezes ( ) Sempre


Observações, Críticas, Comentários e Sugestões


“Só sei que nada sei por completo. Só sei que nada sei que só eu saiba. Só sei que nada sei que eu não possa vir, a saber. Só sei que nada sei que outra pessoa não saiba. Só sei que nada sei que eu e outra pessoa não saibamos juntos” (Mario Sergio Cortella).

## APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA  
CAMPUS PARAGOMINAS  
GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ESTATÍSTICA APLICADA

### QUESTIONÁRIO PEDAGÓGICO PARA OS ALUNOS

**Objetivo:** Coletar informações dos discentes sobre a forma como estão sendo encaminhados os conteúdos pelos docentes, a fim de criar instrumentos capazes de promover melhoria no processo de ensino e aprendizagem.

1. Curso e semestre que está devidamente matriculado e frequentando.

( ) Agronomia ( ) Zootecnia ( ) Engenharia Florestal ( ) Administração

2. Faixa Etária dos alunos

( ) 15 - 20 anos ( ) 21 - 25 anos ( ) 26 - 30 anos ( ) 31 - 40 anos

( ) 41 - 50 anos ( ) Mais de 50 anos

3. Você faz leitura de livros e revistas técnicas com que frequência?

( ) Nenhuma ( ) Pouca frequência ( ) Muita frequência ( ) Somente quando solicitado

4. Quantos livros você chegou a ler nos últimos 12 meses?

( ) Nenhum ( ) Um livro ( ) Dois livros ( ) Três ou mais livros

5. Como avalia os recursos disponíveis para o seu desenvolvimento acadêmico, como: bibliotecas, computadores, cursos de extensão, etc.?

( ) Muito Ruim	( ) Ruim	( ) Regular	( ) Bom	( ) Excelente

6. Indique seu grau de satisfação pelos serviços prestados pela UFRA e diga o porquê da sua escolha por esta Instituição de Ensino Superior.

( ) Muito Ruim	( ) Ruim	( ) Regular	( ) Bom	( ) Excelente

7. Tendo em vista os seus interesses de estudante universitário, como você avalia o desempenho e o compromisso dos professores do semestre vigente em relação a sua formação acadêmica?

( ) Muito Ruim	( ) Ruim	( ) Regular	( ) Bom	( ) Excelente

8. Os professores são solidários, reconhecem suas dificuldades diante do curso e lhe incentivam a prosseguir com os estudos?

Sim  Não


9. Se sentem respeitados e tratados de forma justa pelos professores?  Sim

Não


10. Como avalia a metodologia que os professores utilizam para repassarem os conteúdos:

<input type="checkbox"/> Muito Ruim	<input type="checkbox"/> Ruim	<input type="checkbox"/> Regular	<input type="checkbox"/> Bom	<input type="checkbox"/> Excelente

11. Em relação aos métodos avaliativos você considera:

<input type="checkbox"/> Muito Ruim	<input type="checkbox"/> Ruim	<input type="checkbox"/> Regular	<input type="checkbox"/> Bom	<input type="checkbox"/> Excelente

12. Como avalia a pontualidade do professor:

<input type="checkbox"/> Muito Ruim	<input type="checkbox"/> Ruim	<input type="checkbox"/> Regular	<input type="checkbox"/> Bom	<input type="checkbox"/> Excelente

13. Em sua opinião, os professores dominam os conteúdos?

Parece ter domínio excepcional  Parece ter deficiências de domínio  Parece não ter domínio




14. Os professores definem o(os) objetivo(s) de cada aula:

- Sempre definem             Ocasionalmente definem  
 Raramente definem         Nunca definem


15. Os professores explicam princípios e conceitos básicos do conteúdo.

<input type="checkbox"/> É excepcionalmente claro e elucidativo <input type="checkbox"/> É muito claro	<input type="checkbox"/> Geralmente é claro, mas as vezes se confunde <input type="checkbox"/> Não demonstra clareza

16. Dá aula com alegria e entusiasmo

<input type="checkbox"/> É sempre alegre e entusiasmado <input type="checkbox"/> Moderadamente alegre e entusiasmado	<input type="checkbox"/> Raramente demonstra alegria e entusiasmo <input type="checkbox"/> Parece nunca estar alegre e entusiasmado

17. Procura informar-se dos conhecimentos prévios do aluno ao expor um conteúdo.

- Nunca             Às vezes             Sempre


18. Aceita o ponto de vista dos alunos:

- Nunca    Às vezes         Sempre


19. Estimula o aluno a participar da aula

- Nunca             Às vezes             Sempre


“O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher” (Cora Coralina).

# SOBRE AS ORGANIZADORAS

**ALESSANDRA EPIFANIO RODRIGUES** - Graduação em Agronomia pela Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), mestrado em Ciência Animal pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Atualmente é docente da UFRA, *campus* Paragominas, e coordenadora do curso de graduação em Zootecnia.

alessandra.epifanio@ufra.edu.br

**MARIA NÁDIA ALENCAR LIMA** - Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), pós-graduação em Docência do Ensino Superior pela Faculdade META/AP, especialização em Educação pela Faculdade de Educação Superior de Paragominas (FACESP)/PA e mestrado em Ciência da Educação pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales/PY. Atualmente é Pedagoga da UFRA, *campus* Paragominas.

nadia.alencar@ufra.edu.br

**VANESSA MAYARA SOUZA PAMPLONA** - Graduação e mestrado em Estatística pela UFPA, doutorado em Agronomia (Entomologia Agrícola) pela UNESP, *campus* Jaboticabal. Atualmente é docente da UFRA, *campus* Paragominas.

vanessa.pamplona@ufra.edu.br

# SOBRE OS AUTORES

**ALAIRE FRANCO TAVARES** - Graduação em Zootecnia pela Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA).

alairefranco@gmail.com

**ALESSANDRA EPIFANIO RODRIGUES** - Graduação em Agronomia pela Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), mestrado em Ciência Animal pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Atualmente é docente da UFRA, *campus* Paragominas, e coordenadora do curso de graduação em Zootecnia.

alessandra.epifanio@ufra.edu.br

**BÁRBARA RODRIGUES DE QUADROS** - Graduação em Agronomia pela UFRA, pós-graduação em Agronomia, sendo o mestrado em Horticultura e doutorado em Agricultura, com ênfase na Produção e Tecnologia de sementes, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), *campus* Botucatu. Atualmente é docente da UFRA, *campus* Paragominas.

barbara.quadros@ufra.edu.br

**BRUNA NASCIMENTO VICENZOTT** - Graduação em Engenharia Florestal pela UFRA.

bruna.nascimento.vicenzott@hotmail.com

**JOSILENE DO NASCIMENTO GOMES** - Graduação em Zootecnia, em andamento, pela UFRA.

josilenegomespgm@gmail.com

**MARIA NÁDIA ALENCAR LIMA** - Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), pós-graduação em Docência do Ensino Superior pela Faculdade META/AP, especialização em Educação pela Faculdade de Educação Superior de Paragominas (FACESP)/PA e mestrado em Ciência da Educação pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales/PY. Atualmente é Pedagoga da UFRA, *campus* Paragominas.

nadia.alencar@ufra.edu.br

**SARA SOUZA DE JESUS DE OLIVEIRA** - Graduação em Engenharia Florestal pela UFRA, técnica em Mineração pela Escola Estadual de Educação Tecnológica do Pará (EETEP). Atualmente é aluna da pós-graduação em Gestão Estratégica.

sara.jesus0303@gmail.com

**SEBASTIÃO RODRIGO DO REMÉDIO SOUZA DE OLIVEIRA** - Graduação em Engenharia Florestal pela UFRA, atualmente é aluno de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciências Florestais na UFRA.





rodrigossouza6789@gmail.com

**WENDERSON DA SILVA RODRIGUES** - Graduação em Agronomia pela UFRA.





wendersonr306@gmail.com

**VANESSA MAYARA SOUZA PAMPLONA** - Graduação e mestrado em Estatística pela UFPA, doutorado em Agronomia (Entomologia Agrícola) pela UNESP, *campus* Jaboticabal. Atualmente é docente da UFRA, *campus* Paragominas.

vanessa.pamplona@ufra.edu.br

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)   
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)   
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)   
[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# A DINÂMICA DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA UNIVERSIDADE

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)   
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)   
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)   
[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# A DINÂMICA DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA UNIVERSIDADE